ENTREVISTA
Domingo Garcia Marzá
e a Ética empresarial

PALAVRA DE HONRA!
O honrado pré-moderno *versus*
o burguês, em Janine Ribeiro

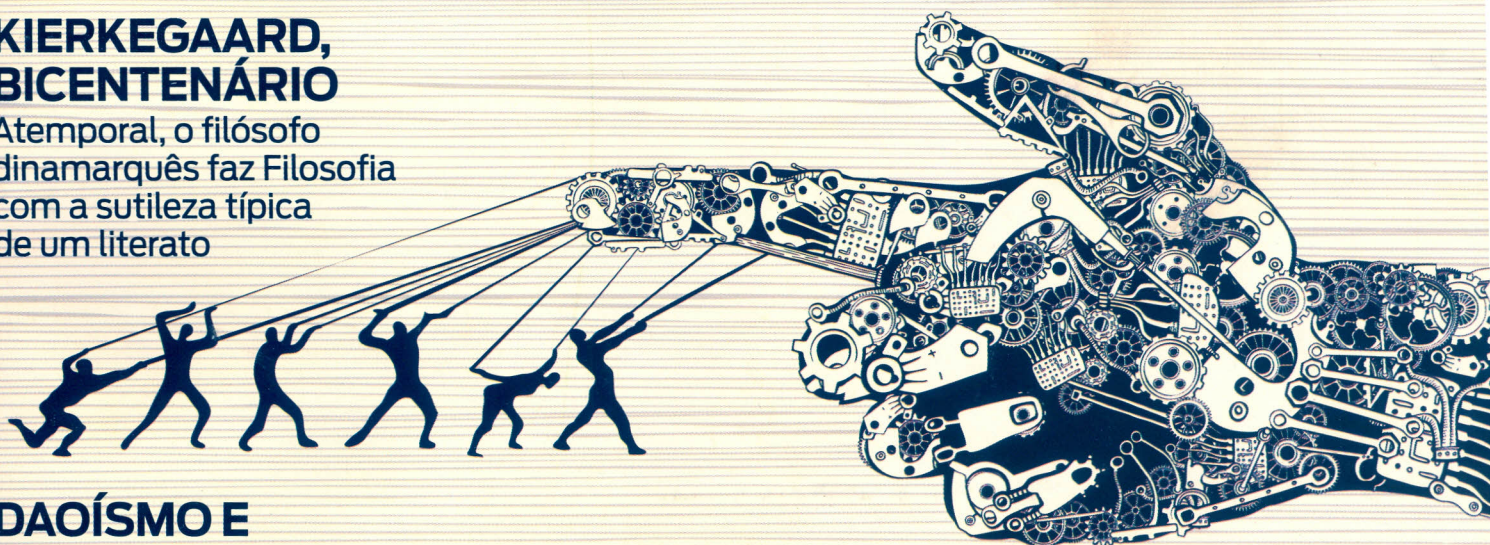
ANO VII Nº 86 setembro 2013
www.portalcienciaevida.com.br

O paradoxo TECNOCIENTÍFICO

Após 68 anos da explosão da bomba atômica, como avaliar a evolução tecnocientífica? Benefícios foram maiores que prejuízos? O homem tem o controle da situação? Em BACON e HANS JONAS

KIERKEGAARD, BICENTENÁRIO
Atemporal, o filósofo dinamarquês faz Filosofia com a sutileza típica de um literato

DAOÍSMO E CONFUCIONISMO
Seria possível um desprendimento total?

NÚMERO 86 - PREÇO R$ 7,90
ISSN 1809-9238

PARA O PROFESSOR: PAUL RICOUER e a construção da identidade

Continuidade ou RUPTURA?

Poderia Kierkegaard contribuir para a formação de gerações que dispensariam as construções superficiais? Uma análise ética, estética e religiosa, pautada nos *autores-personagens* do filósofo dinamarquês

Neste ano de 2013 comemora-se o bicentenário do nascimento de Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855). Durante muito tempo, sua Filosofia ficou restrita a pequenos círculos de estudiosos, porém ele tem sido cada vez mais lido e discutido no Brasil e no mundo, sendo consolidado seu merecido lugar na história da Filosofia. Sua obra supera os limites entre Filosofia, Literatura e Teologia, articulada a um pensamento rigoroso apresentado por pseudônimos – expediente este que revela a *ironia* como elemento fundamental de sua abordagem, posicionando-se em direção contrária ao vazio que se estabelece a partir das formalidades próprias da sociedade burguesa, que, por extensão, impõe igualmente uma configuração de convencionalidades e esquematismos à Igreja da Dinamarca.

IMAGEM: SHUTTERSTOCK

IRONIA SOCRÁTICA

O Romantismo foi o movimento cultural que corresponde, na Filosofia, ao Idealismo Romântico: escola que coloca em dúvida a concepção de que a razão e a lógica sejam suficientes para que se atinja o conhecimento, passando a examinar, também, formas intuitivas do saber. De modo geral, o Movimento Romântico animou a Filosofia, a Poesia, a Música e as Artes em geral, e em sua trajetória culminou por indicar o renascimento do instinto e da emoção como reação ao Racionalismo imperante do século XVIII, em atitudes fundantes nos sentimentos e em seu insuperável conflito com a realidade. A liberdade é buscada como fundamento dessa realidade, em que até a Religião é reavaliada por esse prisma, de modo a ser identificada como a "relação do homem com o infinito e com o eterno".[1] Essa visão impõe uma certa subjetividade, uma crise na ideia de necessidade de intermediários (instituições) na relação entre o indivíduo e o eterno.

Kierkegaard recorre à *ironia socrática* para se afastar do esteticismo romântico,

[1] REALE, 1991, p. 18-19

CRISTIANO DE JESUS É BACHAREL EM FILOSOFIA E ANÁLISE DE SISTEMAS, MESTRANDO EM FILOSOFIA, MESTRE E DOUTOR EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO. É PROFESSOR UNIVERSITÁRIO DE FILOSOFIA, ÉTICA, ENTRE OUTROS. PESQUISA SOBRE A DIMENSÃO FILOSÓFICA DA TECNOLOGIA E OS IMPACTOS DA TECNOLOGIA NA SOCIEDADE.
CRISTIANO.JESUS@ACADEMUSNET.PRO.BR

O MOVIMENTO ROMÂNTICO ANIMOU A FILOSOFIA, A POESIA, A MÚSICA E AS ARTES EM GERAL, INDICANDO O RENASCIMENTO DO INSTINTO E DA EMOÇÃO COMO REAÇÃO AO RACIONALISMO

O pintor romântico londrino William Turner causou uma ruptura com os padrões neoclássicos, estabelecendo valores de liberdade, emoção e subjetividade na retratação da natureza

para evitar "o gozo que se dissipa no devaneio". Tal ironia possibilita ao filósofo dinamarquês promover a libertação da subjetividade das amarras da objetividade, para nela permanecer, num movimento de retirada da realidade para a ela retornar, mas com infinita clareza de consciência. Foi estabelecida a distinção entre o sentido e as palavras, entre a essência e o fenômeno – assumindo a liberdade que é própria do reino da existência, superando a realidade e a necessidade, para aceitar a possibilidade, aceitar que se pode ser o que se escolhe ser. Houve o reconhecimento de que "não se pode pretender absolutamente nada da vida, e o lado terrível, a perdição, o aniquilamento, mora ao lado do homem, porta a porta"[2], que assim como "para nadar, é preciso ficar nu; para aspirar a verdade, é preciso ficar nu [porém] em sentido muito mais íntimo, é preciso desfazer-se de vestimentas muito mais interiores do pensamento, de ideias, do egoísmo e de coisas similares, antes de poder ficar nu o quanto é necessário".[3]

É necessário despir-se, ficar nu, do mesmo modo como Sócrates deixou seus contemporâneos – como "nus após um naufrágio". Ao arrancar das pessoas o sentido comum, subverter a realidade, Sócrates usou a ironia como infinita e absoluta negatividade. Fez isso de tal modo que pareceu viver como hóspede e estrangeiro em sua época. Por isso sucumbiu.

O GOZO SUBJETIVO

Com a ironia, o fenômeno em nada corresponde à essência. Não é pelo conceito que se apodera do fenômeno, na verdade é o contrário disso. Todavia, por meio ironia, a negação do fenômeno resulta na essência, identificando-se com o fenômeno, o sujeito negativamente livre, pelo discurso irônico, destrói toda substancialidade, porém não a eliminando, mas sim deliberadamente transformando-a em referência ao fenômeno, mesmo sabendo da insuficiência que isso representa para a existência.

"Ou o irônico se identifica com a desordem que ele quer combater, ou ele assume frente a ela uma relação de oposição, mas, naturalmente, sempre de tal modo que esteja consciente de que a aparência dele é o contrário daquilo em

[2] Ibid., p. 245

[3] Ibid., p. 244

que ele se apoia, e que saboreie essa inadequação. [...] Em relação a um saber totalmente pretensioso, que sabe tudo de tudo, é ironicamente correto entrar no jogo, ser arrastado por toda essa sabedoria, excitá-la com aplausos de júbilo para que esta se eleve cada vez mais, numa loucura cada vez mais alta, desde que aí permaneça consciente de tudo aquilo que é vazio e sem conteúdo".[4]

Entretanto, o mais importante, que diz respeito à ironia, é a liberdade subjetiva. O sujeito está livre e "é exatamente esse gozo que o irônico ambiciona". Ele sabe o que é certo, sabe que há uma realidade que não é efetiva, mas, por outro lado, sabe que há uma existência que é incomensurável.[5]

A relação do irônico com o conhecimento convencional não pode ser outra, senão por meio da adesão fingida, da dissimulação, ou seja, com um consentimento que somente se apraz na consciência da inadequação, no "gozo subjetivo": *mundus vult decipi, decipiatur ergo.*[6]

SENSUALIDADE, DÚVIDA E DESESPERO

Em sua obra, Kierkegaard descreve várias possibilidades de existência, que são representadas por três estádios, quais sejam: o *estético*, o *ético* e o *religioso*. Em Kierkegaard, o homem somente se torna um ser autêntico quando se relaciona com Deus – forma mais elevada de vida, pois é nela que o indivíduo pode gozar plenamente de sua individualidade e subjetividade. A vida ética, portanto, deve possuir a "fé" como objetivo, e essa conquista ocorre de maneira progressiva. Daqui em diante será apresentado como isso se dá.

No *estádio estético*, Kierkegaard apresenta três figuras paradigmáticas: *Don Juan*, *Fausto* e o *Judeu Errante*, as quais se associam respectivamente às categorias da *sensualidade*, da *dúvida* e do *desespero*.

Don Juan é representado por *Johannes, o Sedutor*, personagem protagonista da obra *Diário do sedutor*. *Johannes* é o "modelo arquetípico do sedutor, o artífice do método, ou da arte da sedução"[7] que associa o prazer a um modo de vida, para quem a existência não pode ser de outra maneira, senão voltada para o prazer absoluto. Ele é o "sedutor refletido", aquele que escreve um diário, que busca o gozo da realidade e o gozo de si mesmo, na reflexão, ao assistir a si mesmo e pensar sobre isso. Para *Johannes*, as pessoas não passam de estímulos, por isso se assemelha a um vampiro sedento de vida que se alimenta da vitalidade de suas vítimas. Age como um espelho que não pode reter a imagem de quem reflete, por isso não se apodera, apenas se deixa fascinar para depois destruir esse domínio, seduz se permitindo seduzir, tal como se solta

[4] Ibid., p. 249
[5] Ibid., p. 254
[6] Se o mundo quer ser enganado, que seja enganado então

[7] *GRAMONT, op. cit., p. 21*

IMAGEM: SHUTTERSTOCK

A postura romântica foi ambígua em relação à religião. Enquanto alguns elogiavam o ateísmo "religioso", outros praticavam um sincretismo paradoxal

A RELAÇÃO DO IRÔNICO COM O CONHECIMENTO CONVENCIONAL SE DÁ POR MEIO DA DISSIMULAÇÃO, COMO UM CONSENTIMENTO QUE SE APRAZ NA INADEQUAÇÃO

a raposa para ter o prazer de capturá-la novamente, trata-se do "reflexo refletido" que é próprio daquele que constrói sua existência como mera possibilidade.

Para Kierkegaard, essa oscilação em que vibra *Johannes*, entre ideia e existência, é a mesma vibração da Música. "Por essa razão, a Música é o meio de expressão, por excelência, do estádio estético".[8] Em especial, *Don Giovanni* de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), que, para o filósofo, o personagem da ópera é quem melhor exprime a ideia de *Eros* como personificação do desejo.

Fausto, personagem de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), representa a categoria da dúvida no estádio estético, uma categoria superior à categoria de *Don Juan*. Ele é cético, mas seu ceticismo é fruto de sua angústia por entender a fé como consequência da condição humana, uma busca pela segurança e pela paz. Mas *Fausto* deseja ultrapassar esses limites, em espe-

Kierkegaard identificou no romantismo a possibilidade de trazer de volta a existência para a Filosofia

[8] Ibid., p. 41.

Madame Bovary e a crise da sociedade

Gustave Flaubert (1821-1880) causou grande furor na França com seu romance *Madame Bovary*, sendo acusado de ofender os bons costumes e a Religião ao publicar "uma obra execrável sob o ponto de vista moral". Essa obra faz parte de um movimento que se incomoda com a ordem estabelecida a partir do modo de vida burguês, em que a lógica econômica, o utilitarismo, o trabalho, o marasmo e a indiferença são elementos norteadores e sempre presentes: "Para Flaubert, o efeito da vitória da burguesia reacionária foi um rebaixamento geral da vida, sua redução à banalidade mais extrema e insuportável. [...] Flaubert depara com um público afeito aos chavões mais medíocres, que considera a Literatura uma mercadoria como outra qualquer. Diante da massificação geral do gosto, da mercantilização da Arte e da demonstração de que o artista é apenas mais um trabalhador, Flaubert propõe um ascetismo radical: uma Arte pela Arte austera, que não se reduz às exigências utilitárias do mercado. Em uma sociedade que reduz tudo a uma instrumentalidade estreita, a grande Arte deve recusar qualquer função prática. [...] É preciso que o artista sério se afaste de uma sociedade medíocre produzindo uma obra exigente, ao mesmo tempo que o afastamento não deve isolar completamente o artista, que estaria assim condenado a falar com as paredes. É contra esse dilema insolúvel que Flaubert e sua geração se batem" (SOARES, 2007, p. 52).

IMAGENS: WIKIMEDIA/DIVULGAÇÃO

cial a finitude, para alcançar a liberdade de escolha. É representado por *Johannes de Silentio*, pseudônimo de *Temor e tremor*, que escreve que a dúvida destrói a realidade, mas mostra que é nesse "esfacelamento do sentido constitutivo da existência" que se pode encontrar a fé, agora não mais como as massas que possuem a fé em uma atitude de beatitude cega, sem reflexão.

"Apesar de incrédulo, *Fausto* tem a consciência de que a segurança e a alegria que alguns homens apresentam têm sua origem na fé. Por amor à humanidade, *Fausto* se obriga a ocultar a dúvida que o consome interiormente e, assim, sacrifica-se pelo geral. *Fausto* assume o silêncio sobre a sua dúvida para evitar uma confusão que não levaria a nada mais, por isso acaba se conformando à condenação moral. Em outras palavras, é apenas a dúvida que redime *Fausto* de suas baixezas, mas, quando ele não a confessa, torna-se um ser condenado pela moral. Se chegasse a exprimir sua dúvida, *Fausto* introduziria contradição e complexidade em uma fábula que tem um sentido de moralidade exemplar".[9]

Kierkegaard denomina de "desespero" essa ausência de referência cuja consequência é a angústia da dúvida. Desse modo, ele chama atenção para a necessidade de o indivíduo reconhecer sua individualidade, sua finitude e sua condição de ser contingente.

A próxima categoria do estádio estético é justamente o desespero, personificado por Kierkegaard com *Ahasverus*, chamado *Judeu Errante*. Segundo a lenda, teria sido um sapateiro na época de Cristo. Certa vez, ao chegar em seu estabelecimento, teria encontrado Jesus descansando na sua porta. Teria dito "anda!" e recebido como resposta "tu andarás também, até que eu volte". E assim recebeu sua condenação, vagar de maneira errante pelo mundo.

[9] Ibid., p. 48

IMAGENS: WIKIMEDIA/DIVULGAÇÃO

Don Juan de Marco é uma emblemática figura mítica que está metamorfoseada no mundo contemporâneo. Assim como Don Juan, o homem atual é um ser individualista e sedutor; que não consegue manter seus relacionamentos

Para Kierkegaard, seu sentimento não poderia ser outro senão o desespero, pois esse é a "própria doença do espírito preso a si mesmo", a consequência de uma vida apoiada no efêmero, o *niilismo* e o vazio são os que restam na postura errante: "o esteta em desespero perde-se na inércia de uma contemplação na qual é o ator e o espectador do drama que ele próprio cria sobre sua existência".[10]

A busca incessante, como é a busca do *Judeu Errante*, resulta na melancolia, isso é, o desespero como resultado de uma reflexão do esteta sobre a significação das coisas. A dissimulação dessa melancolia é o humor, a "euforia fingida", a "seriedade por trás da brincadeira".

"Mas o humor surge igualmente naquele que contempla a realidade em todas as suas contradições. [...] O sistemático acredita que pode dizer tudo e aquilo que não se deixa enunciar, julga-o falso e secundário. Se podemos reconhecer o humorista pelo sorriso velado de tristeza, é pelo fato de haver um sofrimento escondido por trás do humor, sofrimento que não provém de nenhuma causa exterior, mas é inerente ao próprio fato de existir".[11]

[10] Ibid., p. 67-68
[11] FARAGO, 2011. p. 60-61

PARA KIERKEGAARD, A FÉ É A MAIS ELEVADA PAIXÃO DE UMA PESSOA, PELA FÉ É POSSÍVEL RECUPERAR O FINITO PELO SALTO AO INFINITO

O PERSONAGEM
Don Giovanni, de Mozart é, por um lado, a ideia da sensualidade e, por outro, um indivíduo singular: de modo que, para o ouvinte da ópera, Don Juan não cessa de oscilar entre o estado de ideia e de indivíduo

Hilarius Encadernador é o personagem que desloca a ironia para o humor como fim de suportar toda a tristeza desse mundo, tristeza essa que fica quando se percebe que não há mais vestígio da existência, "nem sequer o mais insignificante penduricalho *penduricalhante*, como o *Sr. Professor*, que em plena existência escreve o Sistema"[12]. Como *"Sr. Professor"*, lê-se Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831).

ESTÁDIOS DA EXISTÊNCIA

Contudo, a ironia está presente nas três categorias do estádio estético: a ironia como determinação da subjetividade, como forma de o indivíduo se libertar do apego à realidade e assumir o papel daquele que "segue o próprio caminho, mediatiza os contrários em uma espécie de loucura superior, altaneiro, como um aristocrático do espírito, deleitando-se em se poder bastar a si mesmo. Se o ironista é animado por uma força interior que lhe permite tomar distância da vida, sua ironia, dissolvendo tudo na derrisão, deixa todavia órfã a subjetividade".[13]

Com isso, a forma de superar o desespero se dá por meio do estádio ético, pela decisão, pela escolha por si mesmo. Com vistas ao absoluto, faz a opção pela vida tranquila, e com base nele estabelece o critério para julgar entre o bem e o mal. A forma de retornar à realidade é com o trabalho e com o casamento por meio do qual conserva o *Eros* do estádio estético. A melancolia pode persistir agora na rotina e na monotonia repetitiva do cotidiano. O *Juiz Vilhelm* é o personagem na obra de Kierkegaard que procura superar a melancolia na sexualidade matrimonial. É interessante e divertido observar a coincidência em Gustave Flaubert (1821-1880), em que a protagonista de seu romance *Madame Bovary* busca no adultério escapar da vida modorrenta, da atmosfera asfixiante de uma existência medíocre típica da sociedade burguesia.

Constatin Constantius, nome este que lembra a ideia de algo constante em meio à permanente constância, tenta superar a melancolia tornando-se poeta, mas percebe que não resolve completamente o problema. A "base religiosa" corresponderia, essa sim, a uma "lógica de ferro", uma forma de obter uma "consciência ao qual poderia apegar-se constantemente".[14]

[12] KEMP, op. cit., p. 570

Para Kierkegaard, Fausto é a personificação da dúvida máxima que permeia o ser humano; essa dúvida representa o querer do homem em relação a Deus e a seus desígnios

[13] FARAGO, op. cit., p. 39-40
[14] Ibid., p. 569

Vale fazer a distinção entre alguns termos distintos usados por Kierkegaard, mas que possuem certa relação, quais sejam: *estádio ético*, *ordem ética*, *vida ética* e *moral*. Esta última diz respeito à qualificação do caráter ou da atitude. Assim sendo, o agir moral é próprio do sujeito singular que se relaciona com as normas de existência e vive num universo social. A vida ética corresponde à relação da Ética com a existência dos indivíduos em sua singularidade, por isso a vida ética não é dada, mas precisa ser constituída na relação dialética entre decisão individual e norma geral. Porém, a determinação ética, isto é, a ordem ética, corresponde a uma ordem de existência, independente de todo indivíduo, que submete a vida a uma condição de generalidade normativa, isto é, a uma orientação com base em fórmulas gerais pautadas naquilo que se presume ser as características humanas universais e que definem a validade das condutas.

Por isso, o homem ético, o sujeito que se encontra no estádio ético, é aquele que escolhe eticamente, ou seja, se escolhe, escolhendo-se no mundo, no lugar concreto assinalado a cada um. Por isso, para Kierkegaard, o estádio religioso é o mais elevado dos estádios, a fé é "a mais elevada paixão de uma pessoa", pela fé se pode recuperar o finito pelo salto ao infinito, a vida temporal é renovada após a renúncia a essa vida. Trata-se de uma retirada do mundo para a ele retornar. Enquanto a "Religiosidade A" corresponde a uma simples tomada de consciência do sujeito sobre sua condição de ser eterno, a "Religiosidade B" transforma a existência temporal numa dimensão divina, por isso é mais elevada.

Em Kierkegaard, o *estádio religioso* é representado por Abraão, que oferece Isaac, seu filho único, em holocausto a fim de obedecer a Deus, pois somente a Ele cabe a decisão de tudo. Desse modo, Abraão realiza uma suspensão "teleológica" da Ética, transgride a Ética renunciando ao universal, aceita ficar sozinho, visto que sua atitude não pode ser justificada no âmbito moral; por isso, como indivíduo, coloca-se em uma relação absoluta com o absoluto. Para o filósofo dinamarquês, há uma religião estética baseada nas aparências, assim como uma religião ética que se conforma nos mandamentos morais; mas há o verdadeiro cristianismo que é o caminho da interioridade oculta por meio do qual se alcança a certeza escatológica da fé. Não há *além-mundo*, "o céu não é um lugar de residência", há apenas a gratuidade, que pode ser muito bem superada a partir dessa apropriação de si mesmo.

Após esse salto no infinito e no absoluto, o indivíduo retorna à vida temporal, mas, agora, atribuindo a ela uma dimensão divina. Por isso, ele não se envereda nos dogmatismos e absolutismos, tampouco passa a habitar reinos fantasiosos, não se transforma num revolucionário destruidor de estruturas políticas e sociais. Torna-se um indivíduo com infinita lucidez em posse de sua absoluta subjetividade, que sobrevive na ordem geral das coisas de maneira irônica. Ifilo

Eros é a personificação do amor, com suas flechadas brinca com os corações sagrados e profanos, fazendo-os se apaixonar

REFERÊNCIAS

BLIXEN, K. **Anedotas do destino**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

CARPEAUX, O. M. **História da literatura ocidental**. São Paulo: Leya, 2012.

CHARPENTIER, E.; GHYS, E.; LESNE, A. **The scientific legacy of Poincaré**. United States of America: American, Mathematical Society, 2010.

CLAIR, A. "La pensée éthique de Kierkegaard. L'articulation entre norme et décision". In: Kairos – **Revue de Philosophie**, n.10, Presses Universitares du Mirail, 1997.

FARAGO, F. **Compreender Kierkegaard**. Petrópolis: Vozes, 2011.

GLEISER, M. **A dança do universo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GRAMONT, G. **Don Juan, Fausto e o Judeu Errante.** Petrópolis: Catedral das Letras, 2003.

KEMP, P. In HUISMAN, D. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KIERKEGAARD, S. A. **O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates**. Petrópolis: Vozes, 2013.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia**: do Romantismo até nossos dias. São Paulo: Paulus, 1991.

SOARES, M. **Flaubert**. São Paulo: Duetto Editorial, 2007.

VALLS, A. L. M. In KIERKEGAARD, S. A. **O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates**. Petrópolis: Vozes, 2013.